



Fraternidade como horizonte e caminho para a superação da violência no magistério do Papa Francisco

Fraternity as a horizon and a path to overcoming violence in Pope Francis' magisterium

Rodrigo José da Silva*

Recebido em: 16/12/2025. Aceito em: 13/03/2026.

Resumo: O artigo analisa a fraternidade como horizonte e caminho para a superação da violência no magistério do Papa Francisco. A partir das encíclicas *Laudato Si'* e *Fratelli Tutti* e da exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, demonstra-se que a fraternidade não se limita a um ideal ético ou social, mas constitui um processo espiritual, teológico e existencial que envolve toda a criação, interpelando as religiões e comprometendo a missão da Igreja. A fraternidade criatural, fundamentada na ecologia integral, denuncia a devastação da Casa Comum e convoca a uma conversão do olhar e do estilo de vida. A fraternidade entre as religiões apresenta o diálogo, a escuta e a misericórdia como caminhos para a superação do fundamentalismo e da intolerância. À Igreja cabe testemunhar essa fraternidade como sinal e instrumento do Reino de Deus, por meio da sinodalidade, da missionariedade e da opção evangélica pelos pobres. Para Francisco, a fraternidade constituiu um novo paradigma de convivência, capaz de transformar as relações humanas e sociais e de antecipar, na história, o Reino anunciado por Jesus Cristo.

Palavras-chave: Papa Francisco; fraternidade; ecologia integral; cultura do encontro; sinodalidade.

Abstract: This article analyzes fraternity as a horizon and a path to overcoming violence in Pope Francis' magisterium. Based on the encyclicals *Laudato Si'* and *Fratelli Tutti* and the apostolic exhortation *Evangelii Gaudium*, it demonstrates that the fraternity is not limited to an ethical or social ideal, but constitutes a spi-

* Mestre em Teologia Sistemática pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Teologia da PUC-RS, com bolsa CAPES. Presbítero da Diocese de Tubarão, exerce atualmente a função de Coordenador Diocesano de Pastoral. Currículo Lattes: (<https://lattes.cnpq.br/5841920736125058>). ORCID ID: (<https://orcid.org/0009-0003-3980-4831>).

E-mail: rodrigoimarui@hotmail.com.





ritual, theological, and existential process that involves all creation, challenges religions and commits the Church's mission. Creaturely fraternity, grounded in integral ecology, denounces the devastation of our Common Home and calls for a conversion of perspective and lifestyle. Fraternity among religions presents dialogue, listening and mercy as paths to overcoming fundamentalism and intolerance. It falls to the Church to witness to this fraternity as a sign and instrument of the Kingdom of God, through synodality, missionary spirit, and the evangelical option for the poor. We conclude that, for Pope Francis, fraternity constitutes a new paradigm of coexistence, capable of transforming human and social relations and anticipating, in history, the Kingdom announced by Jesus Christ.

Keywords: Pope Francis; fraternity; integral ecology; culture of encounter; synodality.

1 Introdução

Inspirado no pensamento do Papa Francisco, este artigo tem por objetivo apresentar a fraternidade universal como horizonte e caminho para a superação da violência. Cada pessoa é chamada a fazer escolhas responsáveis, levando em consideração a alteridade, pois, do contrário, a violência poderá comprometer o futuro da humanidade. A fraternidade universal exige compromisso em três âmbitos: a fraternidade criatural; entre as religiões; e, por fim, na Igreja, enquanto comunidade eclesial, deve estar a serviço da fraternidade.

O Papa Francisco destaca alguns sinais de violência presentes no seu magistério como: na *Laudato Si'*, que trata das agressões contra a casa comum; na *Fratelli Tutti*, que aborda as violências na sociedade, entre as pessoas e os países; e na *Evangelii Gaudium*, que denuncia formas de violência no interior da Igreja, enquanto comunidade de fé. Essas experiências também se encontram, de modo análogo, no livro do Gênesis. O sonho de Deus é a fraternidade, tornando-a uma experiência possível e realizável. Essa experiência hoje exige a superação das tensões internas e externas, sobretudo, da má gestão da casa comum, da desconfiança entre as religiões e do egoísmo presente na vida da comunidade eclesial.

Independentemente do contexto histórico, a alteridade sofre consequências nefastas quando as pessoas se deixam levar pelos impulsos, pautando suas relações em critérios subjetivistas que, muitas vezes, são míopes e interesseiros. Nesse contexto marcado por múltiplas formas de violência e ausência de fraternidade, a esperança que brota da fé pode tornar-se uma inesgotável fonte de vida e de amor, embora, não raras



vezes, manifeste-se de forma tímida. As pessoas de fé cultivam a esperança e a fraternidade sempre encontram ressonância, e se tornam uma realidade antecipatória. Abraão (Gn 22) e José (Gn 37-45) são figuras paradigmáticas que superaram a violência, salvaguardaram a fraternidade e abriram o caminho para Jesus. O Mestre de Nazaré, nos traz a lógica da misericórdia e não da violência do sacrifício.

Diante de gestos ínfimos nas relações humanas com as agressões à casa comum, a mercantilização e a instrumentalização das relações em prol do lucro desenfreado, a intolerância religiosa, as guerras, a xenofobia, os preconceitos relacionados às opções de gênero, o feminicídio, o descaso com os idosos, a indiferença para com as pessoas em situação de vulnerabilidade, o clericalismo e o mundanismo espiritual, o Papa Francisco testemunhou, falou e escreveu assiduamente sobre a relevância da fraternidade. O Pontífice buscou desafiar todas as pessoas, crentes ou não, cristãs ou não, a comprometerem-se com a alteridade e a sentirem-se responsáveis, irmãs e fraternas.

2 O caminho para a fraternidade criatural

A sensibilidade do Papa Francisco, expressa na *Laudato Si'*, levou o Pontífice a emprestar sua voz ao grito da Casa Comum, ferida por múltiplas formas de exploração e descaso. A criação geme e clama por cuidado, e esse clamor ecoou amplamente entre cientistas, crentes e não crentes. Como observa Magali Cunha, ao longo da história a humanidade tornou-se ameaça para a própria Terra, seja pela exploração abusiva de seus recursos, pelo maltrato aos seres não humanos ou pela indiferença diante dos próprios semelhantes (Cunha, 2019).

Para enfrentar as raízes dessa violência, Francisco propõe a superação de dois paradigmas que marcam a modernidade, o *antropocentrismo* e a *tecnocracia*. A alternativa apresentada é a fraternidade criatural (LS, n. 11), compreendida não apenas como um conceito pontual, mas como um princípio transversal que sustenta toda a *Laudato Si'*. Ainda que o termo apareça explicitamente poucas vezes, sua lógica permeia o documento ao afirmar que todas as criaturas pertencem a uma única criação e estão profundamente interligadas (LS, n. 16), o que fundamenta a proposta de uma ecologia integral (LS, n. 225).

Esse horizonte tem como referência simbólica e espiritual São Francisco de Assis, cuja relação com a criação expressa uma fé encar-



nada e contemplativa. Ao chamar o sol, a lua, os animais e as flores de irmãos e irmãs, o Pobrezinho de Assis testemunha uma espiritualidade nascida do encontro com Jesus Cristo. O Papa Francisco recorda que ele se sentia em comunhão com toda a criação, chegando a convidar as criaturas a louvar o Criador (LS, n. 15). Trata-se de uma espiritualidade que reconhece a beleza do mundo como transparência do mistério divino, conforme afirma a Escritura: “A grandeza e a beleza das criaturas fazem, por analogia, contemplar seu autor” (Sb 13,5).

A fraternidade criatural, nesse sentido, nasce de uma fé que educa o olhar e conduz à responsabilidade. Crer em Deus Criador implica reconhecer o outro como irmão e assumir o cuidado com todas as formas de vida. O Papa insiste que a interdependência entre as criaturas exige uma atitude de admiração, gratidão e corresponsabilidade (LS n. 42). Como destaca Brighenti, quando o ser humano reconhece o reflexo de Deus em tudo o que existe, desperta nele o desejo de louvar o Criador juntamente com todas as criaturas (Brighenti, 2018).

Essa compreensão confere à fraternidade criatural uma dupla dimensão. Para os crentes, trata-se de um princípio de fé, expressão de gratidão e responsabilidade diante de Deus que cria por amor. Para os não crentes, configura-se como um compromisso ético, fundado na justiça e no reconhecimento da dignidade de todas as formas de vida. Em ambos os casos, a fraternidade se concretiza no modo de pensar, sentir e agir, tornando-se critério para as relações humanas e para o cuidado com a criação. Posturas indiferentes, egocêntricas ou mercantilistas revelam, ao contrário, uma ruptura com esse horizonte.

As agressões à Casa Comum, têm sua raiz em uma antropologia distorcida, marcada pela pretensão humana de ocupar o lugar de Deus. Essa ruptura desfigura o sentido do mandato bíblico de cultivar e guardar a terra (LS, n. 66). Leonardo Boff identifica nessa lógica a vontade de poder como o grande obstáculo à fraternidade, pois ela gera exclusão, violência e destruição (Boff, 2021a). Superar essa dinâmica exige romper com o espírito de Caim e recuperar uma relação reconciliada com a criação e com o outro.

Nesse itinerário, a humildade emerge como elemento essencial da fraternidade criatural. Francisco adverte que a perda da humildade conduz à ilusão de domínio absoluto, com graves consequências sociais e ambientais (LS, n. 224). A humildade remete ao reconhecimento da condição criatural do ser humano, moldado do húmus da terra (Gn 2,7),



e expressa uma postura de pertença, não de superioridade. Como observa Boff, ser humilde é descer do pedestal do poder e assumir uma relação de proximidade e respeito com todas as criaturas (Boff, 2021b).

A humildade desdobra-se em pobreza evangélica, entendida não apenas como carência material, mas como superação da autossuficiência e abertura à interdependência. Trata-se de reconhecer-se necessitado do outro e da criação para alcançar plenitude. Essa atitude gera reverência, equilíbrio interior e harmonia com o cosmos, libertando o ser humano da avidez que impede a serenidade e a liberdade do desejo.

A fraternidade criatural encontra na ecologia integral sua expressão concreta. Tudo está interligado: natureza, relações humanas, trabalho, família e espiritualidade. Cuidar do meio ambiente significa assumir a responsabilidade de guardião da criação e adotar um estilo de vida marcado pelo despojamento, pela sobriedade e pelo cuidado. Francisco destaca que esse compromisso se manifesta em gestos simples e cotidianos, capazes de romper a lógica da violência, da exploração e do egoísmo (LS, n. 230).

Por fim, o Papa indica que a fraternidade criatural abre o caminho para a fraternidade entre as religiões. Uma experiência autêntica de Deus conduz necessariamente ao compromisso com a paz, a comunhão e a aproximação entre os povos. As religiões são chamadas a ultrapassar os limites impostos pelo tecnicismo e pela lógica do mercado, tornando-se instâncias críticas e promotoras da fraternidade (Wolff, 2021). Quando se deixam instrumentalizar pelo fundamentalismo acabam por alimentar novas formas de violência (FT, n. 284). Por isso, a fidelidade à fraternidade criatural exige que as religiões estejam a serviço da vida, da dignidade humana e da paz.

3 As religiões para a fraternidade

Há muitos desafios para a fraternidade universal, mas o Papa Francisco insistiu que as religiões possuem um papel decisivo nessa missão, na medida em que podem contribuir para a superação do fundamentalismo e para a construção de vínculos sociais mais humanos. Nesse horizonte, delineia-se um caminho capaz de enfrentar as seis manifestações de violência destacadas na *Fratelli Tutti*: o retorno a formas de regressão social antes consideradas superadas; a ausência de um projeto político, econômico e ambiental; a cultura do descarte; a fragilidade de direitos



humanos verdadeiramente universais; a persistência das guerras; e o mau uso da comunicação. A fé deveria tornar evidente o compromisso fraterno, não sua negação.

Na *Fratelli Tutti*, a leitura dessas violências encontra ressonância em personagens do Gênesis que simbolizam possibilidades opostas. Caim, tomado pelo fechamento egoísta, recusa reconhecer o irmão e inaugura a lógica do fratricídio (Gn 4,1-16). Abraão, inserido numa cultura marcada por práticas patriarcais, atravessa uma purificação religiosa quando, no momento decisivo, escuta a ordem de não ferir o filho (Gn 22,1-19), superando uma compreensão sacralizada da violência. José, por sua vez, transforma a experiência de traição e sofrimento em oportunidade de reconciliação, acolhendo os irmãos (Gn 45,1-28) quando estes se encontram vulneráveis e restaurando a fraternidade.

À luz do Evangelho, a experiência religiosa é chamada a restituir a dignidade humana, tantas vezes eclipsada pela autossuficiência que gera exclusão e violência. Jesus, conforme Lucas, apresenta a missão como libertação concreta dos pobres e oprimidos, com horizonte de restauração integral (Lc 4,18-19). Por isso, o Papa Francisco afirma que todas as pessoas nascem com a mesma dignidade e que diferenças culturais, religiosas ou sociais não podem ser usadas para justificar privilégios em detrimento dos direitos de todos (FT, n. 118).

Nesse contexto, a contribuição das religiões torna-se mais fecunda quando elas assumem a cultura do encontro como critério de presença pública e espiritual. O Papa Francisco recorda que o isolamento e o fechamento em interesses particulares não geram esperança nem renovação, ao passo que a proximidade abre caminhos de reconstrução social (FT, n. 30). Por isso, uma fraternidade efetiva exige disposição interior para encontros reais e não meramente formais (FT, n. 50). O Papa Francisco convoca o mundo religioso e cultural a redescobrir e difundir valores que sustentam a convivência comum, como paz, justiça, bondade, beleza e fraternidade humana.

Em uma humanidade ferida, marcada por opressões e polarizações, as religiões são chamadas a criar espaços de encontro que favoreçam reconstrução de vínculos, reconhecimento recíproco e responsabilidade social. Isso supõe discernimento, maturidade e capacidade de encontrar convergências possíveis sem negar as diferenças, para que elas se tornem fonte de conhecimento mútuo e enriquecimento, e não pretexto de exclusão.



O Papa Francisco sintetiza esse caminho em três atitudes interdependentes: diálogo, escuta e misericórdia. Elas não funcionam como etapas isoladas, mas como dinamismo que sustenta relações capazes de acolher o outro como pessoa concreta, com história, rosto e nome. Assim, torna-se possível recuperar o sentido social da existência e as motivações para amar e acolher a todos (FT, n. 86).

O diálogo não é mera troca de opiniões, e sim busca paciente do verdadeiro em chave relacional. Exige perseverança e respeito pelos caminhos concretos dos povos e das pessoas, e pode ser dificultado por um ambiente saturado de informações que não gera sabedoria (FT, n. 50). Amadurecer o diálogo requer identidade sólida, capaz de abertura sem diluição, pois não existe encontro real quando se perde a própria consistência interior (FT, n. 143). Nessa perspectiva, Bianchi recorda que a fraternidade se enraíza no mandamento do amor ao próximo, horizonte último deixado por Jesus (Bianchi, 2024).

A escuta aprofunda o diálogo, porque implica sair do narcisismo e conceder lugar real ao outro. Sbardelotto recorda que a escuta corresponde ao estilo humilde de Deus, que reconhece o ser humano como interlocutor e lhe dá ouvidos (Sbardelotto, 2022). Por isso, escutar exige coragem e maturidade, sobretudo quando envolve sofrimento e confronto com as feridas sociais. Nesse ponto, a pergunta torna-se inevitável: as religiões acolhem os gritos dos marginalizados e das vítimas de violências estruturais, ou permanecem seletivas e defensivas? O Papa Francisco descreve a escuta como atitude receptiva de quem supera o fechamento e abre espaço ao outro no próprio círculo (FT, n. 33), gesto que remete ao modo de agir de Jesus ao colocar o ferido no centro (Mc 3,6).

A misericórdia, por fim, constitui o critério do diálogo e da escuta, evitando que se tornem exercícios frios ou meramente diplomáticos. No Angelus de 17 de março de 2013, ao refletir sobre Jo 8,1-11, o Papa Francisco afirma que o olhar de Jesus não humilha nem despreza, mas abre caminho para a conversão por meio do amor (Francisco, 2013d). Kasper compreende a misericórdia como força que humaniza o mundo e revela o amor de Deus manifestado em Cristo solidário com pobres, doentes e marginalizados (Kasper, 2015a). Codina reforça que Jesus encara a realidade sofrida do povo e denuncia exclusões que se escondem sob justificativas religiosas e sociais (Codina, 2010, p. 70).

Por isso, as religiões são chamadas a tornar-se lugares de misericórdia e acolhida, capazes de relativizar práticas que excluem e de



superar burocracias que transformam a fé em mera institucionalidade. A misericórdia, que se estende a todos os seres vivos (Eclo 18,12), cura feridas e permite recomeços. O Papa Francisco reza para que o óleo da misericórdia trate incompreensões e controvérsias, favorecendo a reconciliação e a convivência (FT, n. 254).

Dessa forma, a missão das religiões consiste em sustentar uma cultura do encontro por meio de diálogo, escuta e misericórdia, não como discurso abstrato, mas como prática que enfrenta o fundamentalismo e desmonta mecanismos de exclusão. Quando essas atitudes são assumidas, abre-se um caminho real para a fraternidade universal, pois as religiões influenciam diretamente a vida de grande parte da humanidade e podem contribuir para transformar mentalidades e relações.

4 A Igreja para a fraternidade

No magistério do Papa Francisco, a fraternidade universal passa pela fraternidade criatural e pela fraternidade entre as religiões, comprometendo de modo particular a Igreja. A ela cabe testemunhar, a partir da fé, a fraternidade como dimensão constitutiva da vida cristã e como antecipação histórica do Reino de Deus anunciado por Jesus. Esse Reino não se apresenta como realidade distante, mas como presença atuante na história: “O Reino de Deus está no meio de vós” (Lc 17,21).

Para cumprir essa missão, a Igreja é chamada a enfrentar as manifestações de violência que atravessam a sociedade e repercutem em sua própria vida interna. Na *Evangelii Gaudium*, o Papa Francisco identifica três expressões estruturais de violência social que incidem diretamente na vida eclesial: a cultura do descarte, especialmente contra idosos e pessoas com deficiência; a centralidade do poder econômico; e os desafios culturais relacionados à inculturação da fé e à realidade urbana. Essas dinâmicas favorecem, no interior da Igreja, atitudes como individualismo, pessimismo estéril, rivalidades e clericalismo (EG 68; 78; 84; 98).

Francisco lê essas tensões à luz de figuras bíblicas que simbolizam tanto a ruptura quanto a superação da fraternidade. Caim (Gn 4) e os irmãos de José (Gn 37) representam a lógica do egoísmo, da inveja e da cobiça, que obscurecem a dignidade do outro e alimentam práticas de exclusão. Esse espírito mundano, segundo o Pontífice, quando assume



formas institucionais ou espirituais, ameaça a credibilidade da Igreja, sobretudo quando o poder e o prestígio se sobrepõem ao cuidado com a pessoa humana.

Contudo, é em Jesus de Nazaré que esse caminho se revela plenamente. Ele renuncia a toda forma de poder, assume a misericórdia como critério e faz de sua vida uma entrega radical em favor de todos: “A vontade daquele que me enviou é esta: que eu não perca nada do que ele me deu” (Jo 6,39). Na cruz, sua oblação inaugura uma nova lógica de comunhão, reconciliação e fraternidade.

O Reino de Deus, anunciado por Jesus e assumido pela Igreja, não se constrói à margem da história, mas a partir de relações concretas marcadas pela fraternidade e pela comunhão. Nesse sentido, o Papa Francisco aponta a sinodalidade como caminho privilegiado para a Igreja viver sua vocação fraterna. Desde o início de seu pontificado insistiu que caminhar juntos não é uma estratégia organizacional, sim uma expressão evangélica da identidade eclesial.

Ao retomar a eclesiologia do Povo de Deus, o Papa Francisco buscou impulsionar uma renovação capaz de enfrentar violências internas e externas. Segundo Brighenti, a *Evangelii Gaudium* inaugura um processo de segunda recepção do Concílio Vaticano II, propondo uma recepção criativa de sua eclesiologia (Brighenti, 2022). Nessa perspectiva, a Igreja é chamada a ser casa de irmãos, lugar de encontro com Cristo, aberta à missão, livre da autorreferencialidade e comprometida com a valorização dos pobres, das mulheres, dos jovens, dos idosos, dos ministérios e da Palavra de Deus. Assim, torna-se sinal vivo do que o Concílio definiu como “sacramento de salvação” (LG, n. 48).

A fraternidade, portanto, não é apenas um ideal ético, mas sinal concreto da ação salvífica de Deus na história. Francisco advertiu que uma das tentações mais graves da vida eclesial é o desânimo que paralisa e esvazia a ousadia missionária (EG, n. 85). A resposta a esse risco passa pela renovação espiritual, pela redescoberta da alegria do Evangelho e pela abertura sincera ao processo sinodal.

Nesse horizonte, a *Evangelii Gaudium* indica quatro eixos que ajudam a configurar uma Igreja fraterna e comprometida com a superação da violência:



A Igreja como Povo de Deus

A Igreja se faz na comunhão do Povo de Deus e sinal visível da salvação oferecida a toda a humanidade. Como afirmou o Papa Francisco, ela é enviada por Cristo como sacramento dessa salvação (EG, n. 112). Essa missão, iniciada no Antigo Testamento e plenificada em Jesus, revela o amor misericordioso do Pai em palavras e gestos concretos.

Dessa compreensão decorrem dois aspectos fundamentais: a valorização do “*sensus fidei*”, dom concedido a todo o povo para discernir o que vem de Deus (EG, n. 119), e a superação de modelos eclesiais autoritários e verticalizados. O Papa Francisco propôs uma Igreja marcada pela corresponsabilidade, pela participação e pela comunhão fraterna.

A Igreja ministerial

A Igreja ministerial reconhece no batismo todos como discípulos, missionários e protagonistas da evangelização (Schillebeeckx, 2025, p. 146). O Espírito Santo é o princípio da unidade na diversidade, conduzindo à comunhão real entre dons e carismas. Como recorda Congar, somente o Espírito é capaz de harmonizar realidades diversas na unidade (Congar, 2005, p. 32).

Essa dinâmica exige uma escuta permanente. *Ad intra*, a Igreja é chamada a ouvir seus diversos membros e expressões comunitárias. *Ad extra*, precisa acolher os clamores do mundo contemporâneo, como as questões sociais, culturais, ambientais e humanas que desafiam o testemunho cristão.

A Igreja em saída missionária

A missão nasce do encontro com Jesus e conduz a Igreja para além da comodidade e da autorreferencialidade. Francisco convidou a alcançar as periferias existenciais e geográficas, onde a dignidade humana é ferida (EG, n. 20). Uma Igreja missionária abandona o legalismo e o poder para assumir o serviço, a misericórdia e uma espiritualidade encarnada.

A Igreja pobre para os pobres

A opção pelos pobres constitui dimensão essencial da fraternidade cristã. O Reino de Deus manifesta-se na história quando são garantidas



condições mínimas de vida, relações justas e solidárias, e quando se anuncia a comunhão plena como horizonte último. O Papa Francisco expressou esse compromisso ao desejar uma Igreja pobre e para os pobres (EG, n. 198).

A fraternidade exige conversão e gestos concretos. A Igreja é chamada a ser lugar de misericórdia gratuita, onde todos se sintam acolhidos e restaurados (EG, n. 114). À semelhança do bom samaritano, ela é convocada a descer de suas seguranças e cuidar do irmão ferido no caminho (Lc 10,29-37).

Conclusão

A fraternidade, no magistério do Papa Francisco, não se reduziu a um ideal ético ou social, e sim configurou-se como um caminho espiritual, teológico e existencial que atravessa toda a criação, interpela as religiões e compromete a missão da Igreja. Como horizonte e processo histórico, ela emerge como resposta ao clamor de uma humanidade ferida pela violência, pela exclusão e pela indiferença. A fraternidade criatural, enraizada na ecologia integral, denuncia a devastação da Casa Comum e convoca a uma conversão do olhar e do estilo de vida. A fraternidade entre as religiões, por sua vez, indica o diálogo, a escuta e a misericórdia como vias concretas para superar o fundamentalismo e a intolerância. À Igreja cabe tornar visível essa dinâmica, assumindo sua vocação de sinal e instrumento da fraternidade universal por meio da sinodalidade, da missão e da opção evangélica pelos pobres.

Superar a violência, nesse horizonte, não significa apenas conter seus efeitos imediatos, e sim transformar as relações humanas, as estruturas sociais e os critérios que orientam o agir pessoal e comunitário. O Papa Francisco propôs um novo paradigma de convivência fundado no encontro, no reconhecimento da dignidade inalienável de cada pessoa e na solidariedade ativa, capaz de restaurar o vínculo entre Deus, os seres humanos e todas as criaturas.

Nesse sentido, a fraternidade revela-se como antecipação histórica do Reino de Deus e profecia de um mundo reconciliado. Ela reorienta a missão das religiões e da Igreja, restitui centralidade à alteridade e rompe a lógica da indiferença, instaurando a dinâmica do dom, do cuidado e da misericórdia. Ao afirmar que “ninguém se salva



sozinho” (FT, n. 32), o Papa Francisco convocou toda a humanidade a uma travessia comum, sustentada por um compromisso ético, espiritual e concreto com os que sofrem.

A construção da fraternidade é, portanto, um processo sempre inacabado, mas profundamente enraizado no Evangelho. Ela torna visível o rosto humano do Reino de Deus na solidariedade cotidiana, na promoção da justiça, na escuta dos marginalizados e na comunhão entre os diferentes. Como Igreja, como crentes e como humanidade, somos chamados a assumir esse caminho, fazendo da fraternidade o fundamento de um mundo mais justo, reconciliado e aberto à transcendência.

Referências

BIANCHI, Enzo. Fraternidade: a identidade criada pela fraternidade. *Instituto Humanitas Unisinos*, 2024. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/643787-fraternidade-a-identidade-criada-pela-fraternidade-prefacio-do-papa-francisco>. Acesso em: 2 out. 2025.

BÍBLIA de Jerusalém. Nova ed. rev. e ampl. 2. impr. São Paulo: Paulus, 2003.

BOFF, Leonardo. É possível a fraternidade humana universal e com todas as criaturas? (I) *Instituto Humanitas Unisinos*, 2021a. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/606325-e-possivel-a-fraternidade-humana-universal-e-com-todas-as-criaturas-i>. Acesso em: 11 dez. 2025.

BOFF, Leonardo. É possível a fraternidade humana universal e com todas as criaturas? (II) *Instituto Humanitas Unisinos*, 2021b. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/606327-e-possivel-a-fraternidade-humana-universal-e-com-todas-as-criaturas-ii>. Acesso em: 11 dez. 2025.

BRIGHENTI, Agenor. *A Laudato Si' no pensamento social da Igreja: da ecologia ambiental à ecologia integral*. São Paulo: Paulinas, 2018.

BRIGHENTI, Agenor. Do Concílio Plenário Latino-Americano à I Assembleia Eclesial. In: AQUINO JÚNIOR, Francisco de; MORI, Geraldo Luiz de Mori (org.). *A Igreja em Saída Sinodal*. São Paulo: Paulus, 2022.

CODINA, Victor. *Uma Iglesia nazarena: teología desde los insignificantes*. Espanha: Sal Terrae, 2010. Kindle. p. 70.

CONCÍLIO VATICANO II. Lumen Gentium. In: COSTA, Lourenço (coord.). Documentos da Igreja. *Documentos do Concílio Ecumênico*



Vaticano II. Constituições, decretos, declarações. 4. ed. São Paulo: Paulus, 2007b. p. 102.

CONGAR, Yves. *Creio no Espírito Santo: Ele é o Senhor da vida II.* São Paulo: Paulinas, 2005.

CUNHA, Magali. O gemido da Amazônia como grito da Terra e o papel das Igrejas. *Instituto Humanitas Unisinos*, 2019. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/592126-o-gemido-da-amazonia-como-grito-da-terra-e-o-papel-das-igrejas>. Acesso em: 23 set. 2025.

FRANCISCO, Papa. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual.* São Paulo: Paulus: Loyola, 2013a.

FRANCISCO, Papa. Onde está Jesus há humildade, mansidão e amor. *Instituto Humanitas Unisinos*, 2013c. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/noticias/523349-onde-esta-jesus-ha-humildade-mansidao-e-amor-afirma-francisco>. Acesso em: 12 dez. 2025.

FRANCISCO, Papa. *Carta Encíclica Laudato Si' sobre o cuidado da Casa Comum.* Brasília: Edições CNBB, 2015.

FRANCISCO, Papa. *Carta Encíclica Fratelli Tutti sobre a fraternidade e a amizade social.* São Paulo: Paulus, 2020.

FRANCISCO, Papa. *Angelus.* Vaticano, 17 de março 2013d. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2013/documents/papa-francesco_angelus_20130317.html. Acesso em: 27 set. 2025.

FRANCISCO, Papa. *Documento sobre a fraternidade humana em prol da paz mundial e da convivência comum.* Abu Dabhi, 2019. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/travels/2019/outside/documents/papa-francesco_20190204_documento-fratellanza-umana.html. Acesso em: 18 out. 2025.

KASPER, Walter. *Papa Francisco a revolução misericórdia e do amor.* Prior Velho: Paulinas, 2015a.

SBARDELOTTO, Moisés. A força transformadora da escuta hospitaleira e convival. *Instituto Humanitas Unisinos*, 27 de maio de 2022. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/618992-a-forca-transformadora-de-uma-escuta-hospitaleira-e-convival>. Acesso em: 10 dez. 2025.

SCHILLEBEECKX, Edward. *Por uma Igreja mais humana: identidade cristã dos ministérios.* São Paulo: Paulus, 2025.



WOLFF, Elias. As religiões como instâncias críticas no seio da globalização. *Instituto Humanitas Unisinos*, 2021. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/160-cepat/606921-as-religioes-como-instancias-criticas-no-seio-da-globalizacao>. Acesso em: 10 dez. 2025.